



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

KEVIN JHONATAN DA SILVA ALVES

**ENSINO DE HISTÓRIA, MÚSICA E RACISMO: O RAP COMO INSTRUMENTO
METODOLÓGICO PARA A COMPREENSÃO DO PRESENTE**

**GUARABIRA
2024**

KEVIN JHONATAN DA SILVA ALVES

**ENSINO DE HISTÓRIA, MÚSICA E RACISMO: O RAP COMO INSTRUMENTO
METODOLÓGICO PARA A COMPREENSÃO DO PRESENTE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Graduado em História.

Orientadora: Profa. Dra. Luciana Calissi

**GUARABIRA
2024**

KEVIN JHONATAN DA SILVA ALVES

ENSINO DE HISTÓRIA, MÚSICA E RACISMO: O RAP COMO INSTRUMENTO
METODOLÓGICO PARA A COMPREENSÃO DO PRESENTE

Artigo Científico apresentado à
Coordenação do Curso de História da
Universidade Estadual da Paraíba,
como requisito parcial à obtenção do
título de Licenciado em História

Aprovada em: 21/11/2024.

Documento assinado eletronicamente por:

- **Elisa Mariana de Medeiros Nóbrega** (***.088.104-**), em **28/11/2024 06:18:41** com chave **c284ba0aad6911ef9ac62618257239a1**.
- **Luciana Calissi** (***.956.908-**), em **27/11/2024 13:43:50** com chave **c7dba33cacde11efbbfa06adb0a3afce**.
- **Waldeci Ferreira Chagas** (***.945.344-**), em **27/11/2024 20:12:56** com chave **2347eefcad1511efb2571a7cc27eb1f9**.

Documento emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QrCode ao lado ou acesse https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar_documento/ e informe os dados a seguir.

Tipo de Documento: Termo de Aprovação de Projeto Final

Data da Emissão: 28/11/2024

Código de Autenticação: d1664a



É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

A474e da Silva Alves, Kevin Jhonatan.

Ensino de história, música e racismo: [manuscrito] : o rap como instrumento metodológico para a compreensão do presente / Kevin Jhonatan da Silva Alves. - 2024.

44 f. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2024.

"Orientação : Prof. Dra. Luciana Calissi, Departamento de História - CH".

1. Rap. 2. Ensino de História. 3. Racismo. 4. Resistência. I. Título

21. ed. CDD 372.89

Aos que acreditam que ainda existe amor
pra recomeçar, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

Em tudo dai graças. A Deus pela vida, cada átomo do meu corpo, cada letra deste trabalho é direcionada ao meu único e suficiente salvador que, me ensina a cada dia que o amor é a melhor escolha, e que todo esforço será recompensado.

À minha família, pilar fundamental da minha vida, palavras não são o suficiente para descrever meus sentimentos.

Ao meu Pai, por me guiar pelo caminho de Deus, e por ser meu exemplo como homem, que ri, que chora, se irrita, se arrepende, mas que protege, educa, e acima de tudo ama com todas as suas forças. Perdão pelos deslizes e desatenções, Obrigado por todos os conselhos, abraços e beijos, por me colocar pra dormir em seu peito e cantar as mais lindas canções que nunca sairão da minha mente, e que irei cantar aos meus filhos. Obrigado por ser meu AMIGO.

A minha Mãe por ser minha maior referência em educação, não só profissionalmente, mas em como tratar e cuidar de todos ao seu redor, que sempre me protegeu, cuidou e se preocupou. Obrigado por estar ao meu lado todos os momentos, acreditar em mim. Perdão por deixar a senhora acordada até tarde, me esperando chegar. Obrigado por dividir seu choro comigo, por ir em minha cama de madrugada me abraçando e beijando depois de um pesadelo ou só pra conferir se estava bem. Obrigado por ser minha AMIGA.

Aos meus pais João Batista e Marly Gomes, agradeço por nunca me deixarem passar por qualquer necessidade física, e nunca deixarem de me dar carinho e amor.

Aos meus irmãos Kaleb Jhoshua, Kêmily Jhoyce, e Kaió Jhonny, por serem as minhas maiores alegrias, mesmo brigando às vezes, meu maior pesadelo é ver qualquer um de vocês tristes, por vocês luto, mato e morro, se isso significar sua segurança, posso não dividir uma pipoca, mas se for preciso podem levar e usar meu coração.

Agradeço aos meus avós paternos Severino Salustino (Vô Biino) e Creuza Alves (Vó Queu), e maternos José Gomes (Vô Zé Rato) e Silvina Dias (Vó Silva), por serem a origem do amor dos meus pais por mim, e por me oferecerem esse amor de origem, à minha tia Dalvaque muitas vezes me foi a voz da razão, à minha tia Joseane, por ser a pessoa mais pura que já me vi em toda minha vida.

Agradeço à Crislane Freire Barbosa por ser meu apoio, nas minhas confusões, por me acompanhar em viagens, festas e qualquer loucura que eu invente, por me aceitar como sou, mas que me ajuda a ser melhor. Perdão pelas ausências, mas muito obrigado pelo carinho

quando presente, ter você ao meu lado tem um valor inestimável, minha memória irá guardar cada momento.

Agradeço aos meus amigos Felipe Alves, Haddison Flávio, José Leandro, Lucas Emanuel, Mikael Henrique, Maria Kammyli, Rafael Moura, Rodriedson David, Ronyelison Ferreira, pelos momentos de descontração, conversas, música, futebol, dominó e desperdício de tempo em geral, mas que possuem valor inestimável em minha memória, destaco sua importância neste trabalho, pois nossas conversas também se pautavam em discussões sociais, casos de racismo sofridos por alguns de nós foram o combustível para os questionamentos centrais deste trabalho.

Agradeço à minha orientadora Dra. Luciana Calissi, pela paciência em responder as dezenas de e-mails, com dúvidas, por me orientar a produzir este trabalho, pelo zelo e atenção a cada sugestão, aceitando um projeto de um aluno abandonado e o fez acreditar que seria possível.

Aos meus colegas universitários, Alice, Bianca, Camila, Carlos, Denilson, Emanuel, Gean, João, Karla, Lucas, Lucas, Mércio, Maria Clara, Mariane, Mayra, Ramil, Thalles e a toda delegação do CAMPUS III fica o meu agradecimento pelos momentos inesquecíveis que tivemos juntos.

Agradeço ao professor José Ronaldo, por me dar autonomia para me tornar professor, me apoiando em diversos momentos, me aconselhando, não só no espaço educacional, mas para vida, sou imensamente grato pelas possibilidades que o senhor me proporcionou. Agradeço também aos meus colegas de residência, Ana, Eriel, Lucas e Jamily. Agradeço a primeira turma a qual dei aula, e que seguimos juntos até a formatura, primeiro ano b, Neto, Joalison, Daniel, Mariana, Emilly, Maria Clara, Andriely, Gabriel. Peço perdão aos que não foram citados devido a minha péssima memória, mas todos que fazem a escola John Kennedy.

Por fim, agradeço a mim, por não desistir.

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso tem como intuito principal, ajudar a construir, com alunos e professores do Ensino Básico, autoaceitação racial e a minimização das desigualdades étnico raciais, utilizando a música, em particular o Rap, como instrumento metodológico potente na difusão da expressão cultural e social de luta contra o racismo. Este trabalho baseia-se nos estudos de KILOMBA (2019), sobre as estruturas narrativas do racismo, e como estas são reproduzidas. Assim como MUNANGA (2004), que denuncia as práticas discriminatórias mascaradas sob a ideia de harmonia racial, entre outros. No Brasil populações negras enfrentam discriminação histórica e estrutural, inclusive nas instituições de ensino, o Rap atua como uma plataforma de voz e resistência. Sua linguagem direta e acessível permite que artistas, jovens, professores, alunos, entre outros, expressem experiências pessoais de opressão e lutem por mudanças sociais, tornando-se uma potente ferramenta pedagógica e metodológica para a compreensão e transformação das realidades atuais.

Palavras-Chave: Rap; Ensino de História; Racismo; Resistência;

ABSTRACT

The main purpose of this final course work is to help build, with students and teachers of Basic Education, racial self-acceptance and the minimization of ethnic-racial inequalities, using music, particularly Rap, as a powerful methodological instrument in the dissemination of cultural and social expression in the fight against racism. This work is based on the studies of KILOMBA (2019), on the narrative structures of racism, and how they are reproduced. As well as MUNANGA (2004), who denounces discriminatory practices masked under the idea of racial harmony, among others. In Brazil, black populations face historical and structural discrimination, including in educational institutions, Rap acts as a platform for voice and resistance. Its direct and accessible language allows artists, young people, teachers, students, among others, to express personal experiences of oppression and fight for social change, becoming a powerful pedagogical and methodological tool for understanding and transforming current realities.

Keywords: Rap; Teaching History; Racism; Resistance.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 Quadro representativo da evolução humana.....17
- Figura 2 Apresentação referente ao Dias Internacional da Mulher no colégio John Kennedy... 28

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 O RACISMO NO COTIDIANO ESCOLAR.....	14
3 UMA HISTÓRIA DO RAP	19
4 O RAP NA ESCOLA	25
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	35
REFERÊNCIAS.....	37
APÊNDICES.....	39
ANEXOS.....	41

1 INTRODUÇÃO

Esse trabalho foi produzido a partir de minha experiência enquanto aluno do Ensino Básico e Monitor da Residência Pedagógica realizada na Escola Estadual de Ensino Médio John Kennedy, convivendo, aprendendo e colocando em prática atividades teóricas, desenvolvidas no ambiente universitário. No decorrer desse percurso estive em contato direto com os mais diversos temas; a música em especial, esteve presente em toda minha trajetória, não apenas, como forma de descontração, mas que demonstrou ser de grande valia como material pedagógico.

Da mesma forma, a entrada no mundo acadêmico me fez despertar sentimentos latentes que foram internalizados em meu subconsciente; discussões teóricas e práticas nas escolas, como monitor da Residência Pedagógica, fizeram reacender minha identidade pessoal, aceitação de minha africanidade, me fazendo buscar e entender melhor minha origem. Arelados ao desejo de aprender, desenvolver e compartilhar a História, seguindo a carreira como docente, surgiu o anseio de levar esse conhecimento específico, o enfrentamento do racismo, aos alunos e alunas das escolas públicas. Foi nessa perspectiva que nasceu o tema deste trabalho; o Rap como fonte/recurso didático para o Ensino de História no Ensino Básico.

A música brasileira está repleta de significado e mensagens que fortalecem a identidade negra. Desse modo, encontrei no Rap, um estilo musical como base para compartilhar a História, não mais restrito aos livros didáticos, mas encontrando em rimas e *beats*, uma nova forma de ensinar e aprender, sobre quem somos e como essa identidade mesmo sendo extremamente forte, está sendo ameaçada constantemente. Por que o Rap? Por compreendê-lo como uma expressão artística que denuncia o racismo e suas consequências. Daí, a problemática passou a se basear em questionamentos como; de qual forma o racismo poderia ser reconhecido e enfrentado na escola? Como o Rap pode contribuir para essa discussão histórica no presente em escolas públicas da região de Guarabira?

Trabalhando as realidades e vivências decorrentes do racismo e buscando resolver questões pertinentes ao cotidiano escolar, foi o que me moveu a pensar nessa temática. De forma geral, este trabalho tem como objetivo compreender como a música, e no caso o Rap, pode ser um importante instrumento/recurso didático na escola, para a compreensão e discussão do racismo estrutural. Daí, a relevância de promover ações sobre o enfrentamento ao racismo na escola, tendo como referência alunos e professores regentes, a partir de estudos e de experiências vividas e relatadas.

Para tanto, será necessário, neste trabalho, construir conceitos importantes sobre essa discussão, como racismo, racismo institucional, raça, segregação, preconceito, entre outros. É válido dizer que, compreender como uma história do Rap representa uma luta contra o racismo no Brasil e no mundo, ajudam a pensar todo o processo dessa expressão musical como fonte e recurso didático nas aulas de História.

A partir desses objetivos, a metodologia adotada foi, tendo por base as experiências e leituras/estudos, apresentar uma reflexão/análise sobre a importância da discussão do racismo na escola a partir do Rap. Uma das estratégias compreende a análise de letra e melodia de trechos de música rap, apresentando possibilidades de análise do contexto em que foram produzidas. Por fim, ao longo desse texto, percebe-se o Rap como fonte de análise do tema, em diferentes momentos, finalizando com a apresentação de uma possibilidade de trabalho em sala de aula.

A proposta aqui, é apresentar possibilidade de aproximar o estudo do racismo à realidade dos alunos das escolas públicas, pautados em relatos vivenciados por boa parte da trajetória de jovens negros, e analisar como o racismo se apresenta na sociedade e em instituições de ensino público. A partir daí, pensar que esses alunos podem desenvolver formas de confronto a pensamentos de segregação e inferiorização, auxiliando também os professores nessa jornada.

Acredito poder contribuir para um melhor desenvolvimento profissional e institucional enfrentando o racismo - visto a emergência que causa o racismo em qualquer ambiente -, utilizando fontes que durante muito tempo foram marginalizadas, e taxadas como não adequadas ao ambiente escolar. O preconceito e a violência precisam ser enfrentados, e a linha de frente para acabarmos com esse problema, é a sala de aula.

Este trabalho tem como principais referenciais teóricos Grada Kilomba, que nos apresenta e discute o racismo no cotidiano escolar; O Racismo no cotidiano escolar de Azoilda Loretto da Trindade e Kabengele Munanga, que discutem os conceitos de raça e racismo, importante para essa discussão; a obra de Ricardo Teperman e sua entrevista ao canal UNIVESP, que traz boa parte da história do Rap e suas origens e vertentes; O texto, A música nas aulas de História: o debate teórico sobre as metodologias de ensino de Olavo Pereira Soares; e outros autores que são referenciados no decorrer desse trabalho.

O capítulo 1 deste texto, se refere ao ponto de partida dessa trajetória; como percebi e percebo o racismo a partir da vivência escolar. O segundo capítulo, procura demonstrar, a partir de uma história do Rap, como esse tipo de música é pertinente para a discussão do tema proposto. E por fim, o capítulo 3, o Rap na escola, apresento a importância da música no

aprendizado escolar, e a urgência da discussão sobre o racismo. A partir disso, proponho possibilidades da música como documento/recurso didático, finalizando com uma proposta/possibilidade de utilização do Rap em sala de aula no ensino de História.

2 O RACISMO NO COTIDIANO ESCOLAR

Uma grande parcela da sociedade acredita que o processo de colonização é um evento do passado, no entanto, suas continuidades são sentidas até os dias atuais. Grada Kilomba em seu livro intitulado *Memórias da Plantação*, aborda o tema enquanto traz relatos de pessoas que sentem diariamente as consequências da escravização das pessoas negras no processo de colonização europeia a partir do século XVI. Nos capítulos 5 e 6 de seu livro, a autora apresenta os relatos de Alicia, que conta suas experiências desde a infância até a fase adulta, sendo uma alemã, possuidora de traços de origem africana, com situações onde o racismo, resultado da colonização desse país contra o continente africano, aparece de forma direta.

Desde a infância, jovens que têm traços de origem africana, escutam comentários e vivenciam situações que os constroem de forma brutal. Alicia, por exemplo, conta o quão era comum pessoas brancas perguntarem sobre o seu cabelo, tocando nele sem sua permissão, fazendo a comparação com um animal.

A diferença é usada como marca para a invasão. ser tocada assim como ser interrogada, é uma experiência de invasão, uma violação que para Alicia é inimaginável, [...] apesar dos comentários ambíguos - que, às vezes, parecem positivos - a relação de poder entre aqueles/as que a tocam e Alicia, que está sendo tocada, ainda assim permanece, bem como o papel depreciativo de tornar-se um objeto público. (KILOMBA, 2019, p. 121-122).

A presença dessa diferença é relatada no texto de forma enfática pois a mãe de Alicia, por ser branca, não enxerga problema nas pessoas brancas tocarem e questionarem sobre o seu cabelo. Na verdade, também enxerga na própria filha a diferença. Alicia não é como a maioria dos outros alemães, ela possui diferenças na cor da pele e cabelo, desse modo, pode não ser vista como um ser humano igual aos demais.

Esse pensamento não só permeia a mente do povo alemão, mas de boa parte das pessoas brancas, de todos os países que foram colonizados por povos europeus. A ideia de inferiorização da população negra abrange esse espaço. Na obra, a autora apresenta que, mesmo sendo alemã, Alicia é vista e questionada como alguém que não pertence ou que não faz parte daquele lugar: “de onde você vem?”, é um questionamento apresentado diversas vezes pela autora, onde as pessoas que fazem essa pergunta querem a todo tempo invalidar a nacionalidade de Alicia,

como de tantas outras pessoas, não é possível que alguém com essas características seja do mesmo lugar que eu.

Essa indignação expõe suas reais intenções racistas, ao passo que menosprezam e inferiorizam reações contra esse racismo. Quando há o questionamento à pessoa branca, e o enfrentamento ao racismo acontece, segundo a autora, a mesma tende a utilizar comportamentos infantis como chorar, ficar mal-humorada, como forma de defesa, transformando a vítima em agressor. No texto de Grada Kilomba, também se percebe a necessidade branca de “primitivar” o negro; suas ações e costumes tendem a serem vistos como exóticos e/ou bestiais.

Essa narrativa da autora me tocou, pois me remeteu à minha experiência como pessoa que possui ancestralidade africana. Por diversas vezes em minha infância presenciei e passei por situações parecidas com as apresentadas no texto de Grada Kilomba, principalmente pelo meu cabelo. A expressão “cabelo pixaim” direcionadas a mim por membros da minha família, não me ofendiam, pois compreendia que essas ações não tinham a intenção direta de me insultar, pois boa parte da minha família é negra e compreendia o racismo, e os comentários feitos não possuíam o viés depreciativo. Porém, os mesmos comentários se repetiam no ambiente escolar, estes sim, cobertos por racismo e incompreensão; me despertavam sentimentos de raiva e vergonha, ao ponto de durante minha infância havia a não autoaceitação das características afros, em particular na estrutura capilar.

Durante o texto, a autora aborda também o assunto do uso de produtos químicos para alisar cabelos, com o intuito de padronização e embranquecimento da sociedade. Me enxerguei nesses relatos, pois também tentava me encaixar nos padrões de beleza branco, através de tal recurso; só alguns anos depois é que comecei a aceitar minhas características e origens.

Essa minha vivência como pessoa discriminada pela minha africanidade, me fez refletir sobre muitas coisas ao longo dos meus anos de estudos, tanto no Ensino Básico, como universitário. Na Universidade, compreendi mais sobre o racismo e seus tipos, significados e importância de identificação e enfrentamento. Hoje entendo que há racismo Estrutural e Institucional, sendo que o segundo é parte do primeiro.

Como o termo ‘instituição’ implica o racismo institucional, enfatiza que o racismo não é apenas um fenômeno ideológico, mas também institucionalizado; o termo se refere a um padrão de tratamento desigual nas operações cotidianas tais como em sistemas e agendas educativas, mercados de trabalho, justiça criminal etc. O racismo institucional opera de tal forma que *sujeitos brancos* têm clara vantagem em relação a outros grupos racializados. (KILOMBA, 2019, p. 77-78).

A escola, portanto, é uma instituição onde o preconceito étnico racial é muito forte. Ele é institucionalizado, na medida em que se percebe que muitos alunos sofrem o preconceito, mas não foram ensinados a se defender, a conhecer a sua própria história, a compreender que as diferenças não são motivos para segregar outras raças. Percebo que a escola ainda não está preparada para enfrentar o preconceito racial, fazendo muitas crianças e adolescentes sofrerem no cotidiano escolar, prejudicando inclusive, sua autoestima.

Isso tudo primeiramente, me fez pensar, mas o que são raças? O que levou os seres humanos a segregar-se em sua própria espécie? Qual a função de inferiorizar outras raças? Segundo Azoilda Loretto da Trindade (1994)

A classificação das pessoas por raças, por raças distintas, na área biológica, seria - podemos dizer - a continuação de uma categorização que, segundo Jacquard (1993; 50:51) origina-se da classificação dos seres vivos em famílias. O primeiro grande passo foi a diferenciação do Reino Animal e Vegetal, e a partir daí categorias que foram divididas em outras menores, no sentido de classificar a variedade espetacular dos seres vivos. E assim temos as seguintes categorias taxonômicas: Reino (sub-reino), Filo e subfilo (Divisão), a classe, a ordem e espécie. Por exemplo: o ser humano pertence ao filo dos Cordados, a o subfilo dos vertebrados, como as aves, répteis, peixes, ... ; à classe dos mamíferos como a ratazana, o cão, o porco, o morcego, a baleia; à ordem dos primatas (como os grandes símios) e a espécie *homo sapiens* (humana) como todas as mulheres e homens que vivem em nosso planeta. Se continuássemos a classificação, poderíamos então definir grupos dentro de uma mesma espécie, o que se chamariam “raças”. (p. 20-21).

Mas qual seria a razão para essa classificação? Ela ainda seria válida? O conceito de raça, a partir dessa lógica, não é mais aceita. Como nos coloca Kabengele Munanga, “biológica e cientificamente, as raças não existem” (2004, p. 2). E mais, segundo esse autor, o problema dessa classificação foi a hierarquização criada a partir dela, “Infelizmente, desde o início, eles se deram o direito de hierarquizar, isto é, de estabelecer uma escala de valores entre as chamadas raças.” (2004, p.2). Buscando compreender esse contexto, é sabido que o processo de hierarquização racial surge em consequência da mercantilização dos povos africanos; a raça branca subjugando as demais, cria o cenário propício para o domínio e a proliferação de desigualdades raciais. Acerca disso, diz, Trindade (1994):

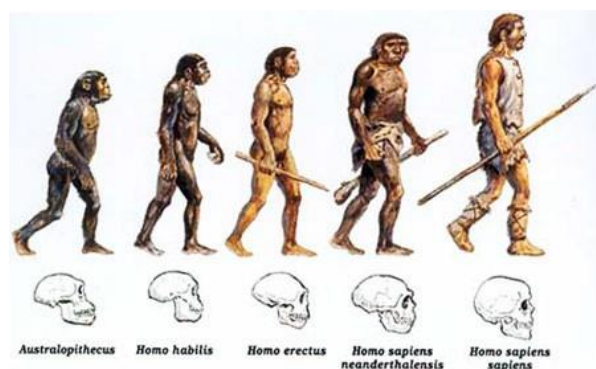
[...] percebemos que o racismo se calca na hierarquização dos diversos povos que compõem o Brasil, de modo que os de origem africana, os negros, ficassem inferiorizados e assim aliados da população brasileira índios exterminados, varridos do mapa (afinal ‘tinham’ as terras); embora aliados, os negros e os índios continuaram presentes e atuantes e, a partir daí, tornaram-se um ‘problema’ maior: é preciso forjar uma outra ideologia que o solucione, estando a resposta no branqueamento – ‘salvação’ para nossa sociedade, e que, de acordo com o mito das três raças, atinge seu ideal, o da democracia racial. (p. 32).

Essa hierarquização é notadamente percebida em diversos espaços, inclusive no escolar, como já referido por KILOMBA, minha própria experiência e de outros e outras colegas. Na verdade, ela me parece ser a base da discriminação que sofremos; a diferença na verdade pode ser compreendida como desigualdade. Assim, é necessário reconhecer o racismo para podermos identificar esse processo nas dinâmicas escolares; suas visões dicotômicas, como funciona a interação racial entre alunos, alunos e professores e como esses dispõem a cooperar ou fortalecer essas dinâmicas racistas dentro dos ambientes escolares.

A minha experiência dentro de sala de aula como aluno também foi marcada por diversos questionamentos a respeito da minha autoimagem, principalmente no ensino fundamental. A busca pelo enquadramento em um grupo branco, desvalorizando a minha ancestralidade, não era uma exclusividade minha; infelizmente diversos outros alunos e alunas passaram por constrangimentos provenientes do racismo.

Abrir os livros didáticos de ciências e história era um momento excruciante. Tenho em minha memória a aula sobre evolução das espécies, quando se apresentava uma das imagens que representa a teoria evolutiva¹, dos *Homo sapiens*.

Figura 1: Quadro representativo da evolução humana



Fonte: Blog de história, 2024. In: <https://historiaparao6ano.wordpress.com/2011/06/05/a-evolucao-humana/>

Um grupo de alunos apontava para uma garota que possuía também traços afrodescendentes, sendo comparada a um primata. O constrangimento era notável, tanto por ela quanto por outros ao redor, mas o que me inquietava, era que, tanto os que praticavam, quanto a vítima, eram praticamente da mesma cor; novamente o oprimido quer se tornar o opressor. Só compreendi essa dinâmica após ingressar no meio acadêmico universitário. Sobre isto, Costa (2024) evidência,

¹ Charles Darwin, autor de "*Origem das Espécies*" (1859) é um dos grandes nomes sobre teorias relacionadas ao evolucionismo. A sua teoria baseia-se na seleção natural das espécies e é aceita até hoje.

A dificuldade central para concretizar essa meta está no fato de que, muitas vezes, o oprimido se fascina pela cultura do opressor e não percebe que deixou de lado a sua própria. Inadvertidamente, passa a falar como se fosse ele, do lugar daquele que o oprime, deixando o que seria o seu lugar singular de enunciação vazio. (p. 4).

Tais eventos foram se tornando menos comuns ao chegar no ensino médio, pois o bullying começou a ser enfrentado de forma mais contundente na época. E nos dias dedicados a palestras, pautas raciais também eram incorporadas às discussões. Zumbi e outros nomes do movimento negro passaram a fazer sentido, mas a mudança do lápis cor de pele, para mim foi um despertar. Durante minha passagem pelo ensino infantil e fundamental como aluno, atividades como “desenhe sua família” eram recorrentes, mas ao chegar o momento decolorir, escolher o “lápis cor de pele” não me era representativo, nem mesmo chamar o lápis da cor bege dessa forma. Colorir a figura de meu pai de marrom era o mais adequado para mim, mas pelo medo de ser ofendido, preferia optar pelas cores mais usadas por meus colegas; hoje compreendo que esse mecanismo de defesa não era apenas uma exclusividade minha.

Racismo é um câncer estrutural
 Esse fato não depende da sua opinião
 Ou você coopera com essa estrutura
 Ou você ajuda na demolição
(Cesar MC - Dai a Cesar o que é de Cesar)

Por que minhas professoras não me contaram que a cor de pele poderia ser marrom? O trecho acima faz parte da música “Dai a Cesar o que é de Cesar”, que será referenciada mais vezes durante este trabalho, e aborda entre outros, a ideia de racismo estrutural, e portanto, a dificuldade da professora em não se fazer esse questionamento. Esse trecho nos coloca a ideia de que, todos somos responsáveis por acabar ou reforçar as estruturas racistas em nosso mundo, modificar e transformar ideias antigas e defasadas, em espaço para novas discussões, criar vínculos entre os alunos e suas origens.

Entender que os negros não eram apenas mercadoria, que suas vidas não eram apenas sofrimento, mas que construíram a riqueza material e cultural de nosso país. compreender que mesmo sendo controlado, o corpo negro, se opõe a essas dinâmicas e se torna transgressor da estrutura social vigente, era um mundo novo se abrindo, e meus cabelos novamente sefechando pequenos cachos.

[...] mesmo diante de uma história oficial marcada por violência e atrocidade, não perder a capacidade de sorrir, de criar, de dançar e dar a volta por cima, são essas

ações, é essa força desse povo que atravessa séculos e que obriga a classe dominante, a mudar, se reciclar, inventar, criar novas/outras estratégias de dominação, de captura de insurrecto, dos que não se fixaram nos territórios predeterminados e que são como acendedores do lampião do Desejo de Liberdade, pela sua pura e simples potência de Vida. (TRINDADE, 1994, p. 33).

Nesse contexto de descobrimento de um novo Brasil, de uma nova noção se forma também um novo sentimento, o de combate, ficar calado não era mais a única opção, todavia o racismo ainda é recorrente, e a música surge como ponte para a discussão, o Rap surge nessa História, e para o Ensino de História.

3 UMA HISTÓRIA DO RAP

O Rap pode ser considerado um estilo musical, alguns podem acrescentar que se trata de um movimento cultural, outros podem afirmar que é um estilo de vida, ou até mesmo uma arma contra os sistemas de opressão. Ao mesmo tempo, há uma perspectiva também pejorativa, em que o enxergam como coisa de bandido, música de vagabundo, ou música de estilo inferior, de pessoas ignorantes.

Em sua essência, o Rap reflete o cotidiano de uma população, sua história e seus pensamentos. Para melhor compreendermos essa expressão cultural, precisamos observar a origem desse movimento, suas principais raízes e suas ideias, analisando o Rap atual e comparando o que sobrevive dos seus primórdios.

Este estilo musical que traz em sua sonoridade diversas camadas, o ritmo pode ser o ponto de partida para compreendermos melhor sua essência, o BPM (batidas por minutos) se trata da velocidade rítmica ou seja, o que dita o andamento da música. O termo BPM também pode ser utilizado para marcar a pulsação do coração humano, e assim como o coração, o ritmo é o responsável por fazer a circulação das informações dentro da canção, sendo a partir dele que os Mc 's fazem seus versos.

Essa análise tem como base, alguns conceitos aqui adotados da teoria musical, como ritmo, melodia e harmonia. Melodia aqui considerada, é a combinação de sons ou notas tocadas, uma após a outra, numa sequência, ou seja, são sons únicos que nos fazem lembrar de uma canção quando ouvimos a sequência dessas notas. Quando cantamos, produzimos uma melodia, pois nossa voz não produz mais do que uma nota de cada vez. Já a harmonia pode ser compreendida como a junção de várias melodias ao mesmo tempo; podemos simplificar a informação dizendo que a melodia seria uma nota isolada e a harmonia seriam várias notas ao

mesmo tempo. O ritmo é a sucessão ordenada dentro da linha de tempo. Segundo o dicionário Dicio é a:

Sucessão de tempos fortes e fracos que se apresentam alternada e regularmente; cadência, compasso: ritmo poético.
 Movimento que ocorre em períodos regulares: ritmo cardíaco.
 Alteração regular e compassada no decorrer de fatos ou situações: o ritmo das estações.
 Movimentação veloz por meio da qual algo se desenvolve: preciso diminuir o meu ritmo de vida.
 [Música] Modo harmônico de dispor os tempos entre uma movimentação e outra; marcação do tempo de um gênero musical.
 Etimologia (origem da palavra *ritmo*). Do grego *rhythmos*; pelo latim *rhythmus*.i. (Dicio. 2024)

Já o ritmo pode variar em vários níveis, 80 BPM como por exemplo a Música “Da ponte pra cá” onde a música apresenta 4 batidas por compasso, ou então um ritmo mais acelerado, como é o caso da música “Still D.R.E” do americano Dr. Dre, está em 93 BPM, o instrumental da música em questão é muito utilizado em batalhas de rap, onde duas ou mais pessoas se enfrentam apresentando suas rimas feitas de improviso.

Enquanto a rima é sem sombra de dúvidas, a marca registrada do Rap, e se considerarmos o ritmo como o coração do rap, a harmonia faz a função dos músculos e outros órgãos, responsável por “dar corpo” a música, mas a alma do rap se encontra principalmente em um importante instrumento, a voz humana.

De onde surge o Rap? De onde vem a ideia de pessoas batalharem usando rimas? Para respondermos essas questões devemos buscar as origens do rap. O nome RAP abre margem para seu significado, mas o mais aceito por diversas comunidades é que seja uma sigla para *Rhythm and poetry*, em português, ritmo e poesia.

Ao buscarmos a origem do RAP podemos encontrar diversas culturas que utilizam rimas e músicas para diversão e principalmente para contar histórias. O GRIOT, tradição cultural originada na África Ocidental, constrói memória e identidade, através de encontros, tradições e ensinamentos que são passados pelos mais velhos para as próximas gerações. Acerca disso, Bernart (1960) diz:

Quando estive na África em 2003[...] constatei mais uma vez a realidade de um griot é construído pela realização de encontros. Encontros motivados por razões diversas, desde a solução de problemas individuais, aconselhamentos de família, participação em batismos, em casamentos, funerais ou festas coletivas. Porque na verdade o griot não é só um ator, cantor, bailarino e músico, mas a principal fonte de armazenamento e transmissão de contos iniciáticos, anedotas e provérbios, através dos quais o africano, de qualquer idade, aprende sobre si mesmo, sobre os outros e sobre o mundo. Estes elementos da tradição oral são a verdadeira escola africana, e o griot, o seu mestre principal (p. 20).

Dessa forma a arte de contar histórias em forma de música, ultrapassa gerações se misturando e sendo levada para diferentes regiões do planeta. Essa cultura originária do Mali e de outros povos da África ocidental, chega ao continente americano onde é incorporada a outras, se mistura e se transforma. Podemos observar essa influência fortemente na Jamaica. Em meados da década de 60, amplificadores de som eram colocados em ruas jamaicanas para animar bailes e encontros. As festas eram organizadas pela população que se reunia para ouvir os sons mais tocados da época, mas que serviam também como palco para algumas discussões relevantes, principalmente sobre a violência nas ruas de Kingston.

A figura do *Toaster* surgia em meio a esse cenário; pessoas que tinham função de animar a festa, faziam versos, dos mais diversos, seja criticando a violência, ou abordando algum outro tema como dinheiro, amizade, amor ou até mesmo drogas. Os assuntos eram os mais variados, mas sempre produzidos de acordo com a realidade do público, e quem quisesse rebater as rimas também tinha espaço para sua resposta. Esses mestres de cerimônia posteriormente ficaram conhecidos pela abreviação de *Mc*, muito utilizada pelo Rap. Também nesse período surgem os *DJ's* que fazem o papel de criar sons utilizando os discos de vinil. De forma simplificada, o *DJ* durante a execução de uma música, voltava o disco para um determinado ponto, podendo ser qualquer parte da canção.

No começo da década de 70 muitas pessoas começaram a imigrar para os Estados Unidos² em busca de melhores condições de vida, e encontraram nas cidades de periferia como o Bronx, um novo refúgio. Entretanto, essas regiões também sofreram com a marginalização; poucas atividades de recreação eram disponibilizadas para a população negra periférica, nesse contexto surgem algumas formas de entretenimento, como *The Dozens*; de forma resumida, eram disputas verbais entre pessoas que usavam as rimas para se atacar; qualquer forma de ataque era válida, até mesmo ofensas de cunho sexual a familiares estavam em jogo e poderiam ser usadas, vencida quem deixasse o oponente sem resposta.

Durante esse período, um jovem jamaicano que adotou o nome de *Kool Herc* foi um dos principais responsáveis por introduzir os alto falantes nessa região, promovendo bailes e encontros com a presença dos elementos citados anteriormente. A ideia também foi empregada em automóveis, caixas de som eram acopladas a carros e caminhonetes, assim as festas podiam acontecer em qualquer lugar. *DJ's* realizavam o processo de remixar as músicas

² A partir da vasta migração de jamaicanos para os Estados Unidos, quando uma crise econômica e social atinge a ilha, o Rap é levado para os bairros nova-iorquinos e expandido entre os jovens de origem negra e espanhola que lá viviam (Paraná, Seligman, 2017, p.2)

ao vivo, utilizando dois discos iguais; o DJ fazia várias pausas e repetia o mesmo trecho criando ritmos dançantes, enquanto usavam o microfone para conversar com o público. Porém, todo esse trabalho começou a exigir demais do DJ, e assim, enquanto uma pessoa ficava responsável pela mixagem, outros usavam o microfone para a interação. Nesse sentido, os Mc's faziam a função de animar o público com chamados ou versos, e algumas pessoas também criavam passos de dança durante as apresentações; ficaram conhecidos como *B-boy* e *B-girl*, poderiam criar coreografias sozinhos ou em grupos. Esses encontros não receberam um nome próprio imediatamente, mas eram um dos principais pontos de resistência contra a opressão governamental vigente na época.

Posteriormente, alguns DJ's incorporaram outros elementos formando a cultura do Rap e do Hip Hop, e quem foi o principal responsável pela introdução desses elementos foi o DJ e produtor Afrika Bambaataa, que formulou a ideia dos pilares do Rap, sendo eles o DJ e MC que também poderiam fazer *beatbox*, que consiste em criar sons semelhantes aos instrumentos somente com a boca, língua e voz, e o *BreakDance*, como forma de expressão corporal na figura dos *b-boys* e *b-girls*. A arte do grafite que também foi sendo incorporada ao Rap, durante as apresentações, elaborava pinturas em muros, constituindo-se também em um dos pilares da cultura, mas também um dos pilares mais importantes que cria sobre o Rap sua maior identidade, o conhecimento.

O Rap começou a introduzir em suas letras não apenas as rimas e ofensas, mas também as histórias cotidianas, o preconceito, a luta por direitos iguais, que foram sendo travados pela comunidade negra. Em seus versos não havia apenas a violência, mas também a presença do pedido de união, a um grupo que durante séculos se mostrou forte contra a subjugação da colonização que repassou seu conhecimento para as gerações seguintes e que moldaram a sociedade.

Desde o início por ouro e prata
Olha quem morre, então veja você quem mata
Recebe o mérito, a farda que pratica o mal
Me ver pobre, preso ou morto já é cultural
(Racionais MC's - Negro Drama)

Como podemos analisar no trecho acima, temos a referência de que desde o período de colonização até os dias atuais existe a estigmatização de que pretos estão destinados a ocupar uma posição de inferioridade perante os demais membros da sociedade. O Rap traz consigo a quebra desses estereótipos que marginalizam a comunidade negra.

O Rap no Brasil é influenciado por diversas outras vertentes musicais; o Repente³ por exemplo, tradicional da cultura nordestina, traz como principal característica versos feitos de forma improvisada sejam eles em forma de duelo ou contando histórias, os cantores se apresentam tocando violões, rimando sobre os mais variados temas. O Rap Brasileiro também tem raízes no Samba, onde retrata o cotidiano do povo negro, não apenas as alegrias, mas também as denúncias, como podemos observar na canção Identidade, de Jorge Aragão.

Elevador é quase um templo
Exemplo pra minar teu sono
Sai desse compromisso
Não vai no de serviço
Se o social tem dono, não vai...

Quem cede a vez não quer vitória
Somos herança da memória
Temos a cor da noite
Filhos de todo açoite
Fato real de nossa história

Se o preto de alma branca pra você
É o exemplo da dignidade
Não nos ajuda, só nos faz sofrer
Nem resgata nossa identidade
(Jorge Aragão - Identidade)

O trecho acima abre ampla margem para trabalharmos em sala de aula a ideia de segregação racial. Aragão é um dos sambistas mais renomados do Brasil; foi membro do grupo Fundo de Quintal, e algumas de suas obras tem como objetivo enaltecer a ancestralidade afro-brasileira que podem originar diversas análises e discussões sobre o tema. Utilizar a música como ferramenta metodológica ascende como muito proveitosa e efetiva como veremos no decorrer deste trabalho. O Rap em especial, será o principal alicerce para essa discussão.

Conhecer esse movimento foi essencial para o desenvolvimento de um pensamento crítico, contra as opressões sujeitas durante muitos anos. O Rap não era apenas um estilo musical em ascensão, mas uma corrente ideológica que se formou nos Estados Unidos e que influenciou diversos outros pensadores e músicos a criarem suas próprias composições pautadas em seus relatos, vivências e lutas. No Brasil, um dos mais consagrados grupos de Rap e Hip Hop, que carregou e carrega as características apresentadas no decorrer do texto, foi fundado em 1988, composto por Mano Brown, Ice Blue, Edi Rock e KL Jay, os Racionais

³ Em 2007 foi realizado na Paraíba o 1º Encontro Nacional de rappers e repentistas- Rap & Rep. <https://vermelho.org.br/2007/10/28/paraiba-encerra-encontro-nacional-com-rap-e-repente/>

MC's moveram diversas gerações, trazendo em suas letras o cotidiano periférico das cidades brasileiras, em especial a cidade de São Paulo.

Entretanto, a música não está limitada a uma cidade ou região, o Rap se propagou por todo o Brasil, despertou o interesse das mais diversas classes sociais, se fixou na mente de jovens. Durante os anos 80 e 90, o Rap estava presente em rádios de todo mundo. Nomes como Public Enemy, Snoop Dogg, Eminem, entre outros, traziam críticas sociais. O rap entrou nas escolas, mas não foi bem-vista pois para muitos pais e professores, esse tipo de canções não eram adequadas ao ambiente escolar por conterem conteúdos explícitos em seus versos como é o caso da música abaixo

*[...]Fuck the police!
 Comin' straight from the underground
 A young nigga got it bad 'cause I'm brown
 And not the other color some police think
 They have the authority to kill a minority
 [...]
 Fuckin' with me 'cause I'm a teenager
 With a little bit of gold and a pager
 Searchin' my car, lookin' for the product
 Thinkin' every nigga is sellin' narcotics*

[...]Foda-se a policia
 Diretamente do submundo
 Um jovem negro só se fode só porque é escuro
 E não de outra cor, então a polícia acha
 Que tem autoridade para matar a minoria
 [...]
 Querem foder comigo porque sou jovem
 Com um pouco de ouro e um pager
 Olham o meu carro, procurando algum produto
 Acham que todos os negros vendem narcóticos
(N.W.A.- Fuck tha police)

Fuck the Police, do grupo norte americano N.W.A é claramente uma crítica à polícia estadunidense, e sua violência durante abordagens, como também ao sistema prisional. Entretanto, pessoas mais ligadas ao conservadorismo irão ignorar à primeira vista toda a mensagem da letra, fixando e se assustando com o primeiro verso cantado da música, estereotipando-o como música de marginal. Mas é justamente esse choque de realidade que atrai boa parte dos jovens que escutam rap. Vale ressaltar que a violência policial continua até os dias atuais, como por exemplo o caso de George Floyd que acabou falecendo durante uma abordagem policial em 25 de maio de 2020, quando o policial Derek Chauvin o asfixiou com o joelho em seu pescoço. Este acontecimento ganhou repercussão mundial diversas

manifestações aconteceram nos Estados Unidos, alavancando o movimento *Black Lives Matter* (vidas negras importam, em tradução livre) que busca desde 2013 acabar com a violência direcionada a pessoas negras, que é proveniente do estado, mas que é fortemente executada pela polícia.

No Brasil, um caso que teve bastante repercussão foi o do jovem João Pedro Mattos Pinto, de 14 anos, que durante uma operação no Complexo do Salgueiro no dia 18 de Maio de 2020, foi morto a tiros quando policiais invadiram a residência na qual o garoto estava. Vale ressaltar que João não era alvo da operação policial. Os agentes policiais estavam em busca de traficantes que pularam o muro da casa. Em 09/07/2024 os policiais envolvidos foram absolvidos. Os casos aconteceram em datas relativamente próximas e manifestações aconteceram em ambos os casos, pautados de forma intrínseca em ressaltar a violência do estado sobre a comunidade negra.

Todos esses pontos levam-nos a refletir que a melhor estratégia para enfrentarmos o preconceito, o racismo e a violência, é mostrando a realidade enfrentada pela população negra, onde a mesma seja encarada ainda na escola, para que casos como os citados, não aconteçam novamente.

4 O RAP NA ESCOLA

Negro Drama é uma das músicas mais ouvidas e aclamadas do disco *Nada como um dia após o outro*, de Racionais MC's, onde trabalha o estigma de ser negro em um país marcado por uma abolição escravista tardia. Há falta de políticas públicas imediatas, que não integraram a comunidade negra após o fim da escravidão no Brasil.

Problema com escola, eu tenho mil, mil fita
Inacreditável, mas seu filho me imita
No meio de vocês ele é o mais esperto
Ginga e fala gíria; gíria não, dialeto

Esse não é mais seu, ó, subiu
Entrei pelo seu rádio, tomei, cê nem viu
Nóis é isso ou aquilo, o quê? Cê não dizia?
Seu filho quer ser preto, há, que irônia

Cola o pôster do 2Pac aí, que tal? Que cê diz?
Sente o negro drama, vai tenta ser feliz
Ei bacana, quem te fez tão bom assim?
O que cê deu, o que cê faz, o que cê fez por mim?

Eu recebi seu tic, quer dizer kit

De esgoto a céu aberto e parede madeirite
 De vergonha eu não morri, to firmão, eis-me aqui
 Você, não, cê não passa quando o mar vermelho abrir
(Racionais MC's - Negro Drama)

O trecho acima, entretanto, faz referência principalmente à influência que o Rap tem em outras comunidades. Quando Mano Brown – vocalista dos Racionais -, diz, “seu filho me imita”, mostra que os ideais apresentados pelo Rap, estão se propagando e transformando a mentalidade das pessoas. A ideia é que, quando a música estiver sendo ouvida e a mensagem de resistência e enfrentamento ao racismo que o Rap carrega for entregue, até mesmo os racistas sentirão essa influência em seus lares. Percebam que a primeira frase “*Problema com escola, eu tenho mil*”, se refere à escola como lugar de problemas para muitos alunos que sofrem o racismo, e vai ao encontro do que senti e observo no ambiente escolar.

Neste contexto, as minhas experiências no Ensino Básico, tomaram outra dimensão na minha vivência e estudos universitários. Foi nessa instituição que compreendi cada vez mais o racismo e a importância do Rap como instrumento de protesto e de combate contra ele. Assim, o que de fato me levou a adotar o Rap como recurso de reflexão na escola, foram principalmente, as minhas vivências durante o período de Residência Pedagógica. Ministrar aulas oportunizou a construção de novas didáticas, utilizando algo que por muito tempo não deveria ser incluído como material para a docência, corroborando com o que diz SOARES, sobre o uso da música em sala de aula.

A análise das relações entre música e ensino de história é fundamental por duas razões básicas: porque as músicas têm importância significativa na cultura cotidiana dos alunos, e porque o professor de história pode encontrar na música um aliado, um recurso didático dos mais importantes, que cria empatia com os alunos. (SOARES, 2017. p.79).

Assim, o Rap tem a capacidade de agregar e ressignificar diversos temas, e com o passar das décadas, se tornou cada vez mais relevante. Atualmente no Brasil, temos a Batalha da Aldeia como um dos principais expoentes de novos *rappers* para o grande público, mantendo a essência que surgiu nos guetos das américas e que se propagou pelo mundo. Tal evento serve como inspiração para os jovens.

Durante minha trajetória como estagiário, algumas vezes me deparei com alunos no intervalo das aulas reunidos, conversando e rimando ao som de trilhas citadas no início da discussão; esses encontros mostravam que havia a possibilidade de integrar novas práticas

didáticas aos conteúdos pré-definidos pelo currículo convencional, durante o período de planejamento. Pensando nessa interação música e escola, Medeiros (2007) diz que:

A música utilizada como recurso em sala de aula revela a história da sociedade nos seus diferentes aspectos, é mais forte que o texto, porque envolve os alunos emocionalmente e acentua a sensibilidade para a observação histórica. A utilização da música facilita a assimilação e fixação de conteúdos, considerando que é uma linguagem universal. As canções proporcionam a realização de uma viagem no tempo e no espaço e são fontes de estímulo à criatividade e à capacidade de expressão. Porém, o professor deve estar atento à adequação do conteúdo que está desenvolvendo e à faixa etária dos alunos. (p. 67).

Podemos compreender que a música deve ser utilizada conforme o conteúdo que será ministrado, para quem e com quem será utilizada. Compreender o estado emocional da turma, se ela pode se inserir na dinâmica proposta previamente no plano de aula. Além disso, o professor deve estar preparado para ocasionais contratempos. É fundamental nesse processo, que exista a análise da canção, correlacionando-a com a temática da aula. E essa análise, pode ser feita de diferentes formas, como veremos a seguir.

Durante o período como monitor da Residência Pedagógica realizada na Escola Estadual de Ensino Médio John Kennedy, me proporcionou a oportunidade de colocar em prática fundamentos teóricos apresentados nas unidades curriculares de Práticas de Ensino em História I e II. No mês de março de 2023, elaboramos um projeto voltado para o Dia Internacional da Mulher, onde as turmas do primeiro ano do Ensino Médio da escola desenvolveram exposições voltadas às diversas realidades femininas. Ouvimos relatos, e discutimos sobre onde seriam desenvolvidas as apresentações para que todas as outras turmas e funcionários da escola pudessem assistir. Uma das turmas se propôs a falar sobre o combate à violência contra a mulher, tema de extrema relevância, dado aos casos relatados pelos próprios alunos e alunas. A sala em questão, nos trouxe dados e levantamentos com taxas de feminicídio, violência doméstica e assédio sofrido pelas mulheres. Ao final da apresentações alunos, compartilharam com os espectadores uma música do grupo Atitude Feminina.

Hoje meu amor veio me visitar
E trouxe rosas para me alegrar
E com lágrimas pede pra eu voltar
Hoje o perfume eu não sinto mais
Meu amor já não me bate mais
Infelizmente eu descanso em paz!
(Atitude Feminina - Rosas)

O trecho acima é o refrão da música apresentada, um Rap que aborda violência doméstica e o feminicídio. A música está no tom de ré menor trazendo uma atmosfera melancólica para a apresentação, ao mesmo tempo em que o ritmo está em 83 BPM completando e envolvendo quem escuta.

Figura 2: Apresentação referente ao dia da mulher no colégio John Kennedy



Fonte: Arquivo Pessoal

A fotografia acima é um registro das atividades realizadas, onde os alunos produziram cartazes e fizeram apresentações sobre as várias formas de violência contra a mulher, atuando como agentes transformadores do ambiente escolar. E essa experiência me fez perceber a potência que a música pode ter como instrumento didático de reflexão.

Neste contexto, a música como ferramenta didática é de extremo valor pois desperta diversas áreas do cérebro como afirma Susan Hallam (2012) no artigo *Psicologia da Música na Educação*. Segundo ela, o córtex cerebral se altera de formas específicas ao receberem estímulos como a música; crianças que têm contato direto com a música, com um estudo profissional ou amador, tem resultados superiores em disciplinas como matemática, ou maior facilidade em decorar palavras em comparação a outros que não tem nenhum estímulo.

Os adolescentes passam muitas horas por semana a ouvir música. O tipo de música que ouvem é um contributo importante para o desenvolvimento da sua identidade e é visto como uma base de apoio quando os jovens se sentem perturbados ou solitários. A música tem, também, a capacidade de aumentar a sensibilidade emocional. O reconhecimento de emoções que são expressas na música está ligado a inteligência emocional, a capacidade de entender suas próprias emoções e as dos outros. Aumentar o tempo de aulas de música no currículo pode fomentar a coesão social do grupo, levar a maior autonomia, a uma maior integração social e atitudes mais positivas, especialmente em alunos com menos capacidades e insatisfeitos (HALLAM, 2012. p.30).

Desse modo, utilizar o Rap como instrumento didático pode se transformar em uma ferramenta no enfrentamento ao racismo dentro da escola, indo além do entretenimento, como uma ferramenta de consciência crítica, ao mesmo tempo em que promove a empatia, permitindo aos alunos que não são negros compreendam os desafios enfrentados, ao passo que contribuem para uma sociedade mais respeitosa. As músicas em questão devem ser selecionadas conforme as necessidades de cada aula. Os temas são os mais diversos, mas do ponto de vista historiográfico, priorizando sua relação com a temática escolhida pelo professor.

Também surge a possibilidade de compartilhar a história do Rap, sua formação e principais influências na sociedade contemporânea mundial, trabalhando a intertextualidade presente nas letras, como é o caso da música *“Dai a Cesar o que é de Cesar”*, já citada anteriormente, do *rapper* Cesar MC (2021), onde traz diversas referências a acontecimentos de diferentes épocas.

Passando pelo vale da sombra da morte
A lama da morte ainda é a Vale
Mano, não importa quanto tempo passe
Vidas não se pagam, então não se cale
(Cesar MC- *Dai a Cesar o que é de Cesar*)

O trecho acima faz referências tanto ao desastre ambiental causado pela empresa Samarco, que é administrada pela Vale, atingindo, principalmente a cidade de Mariana, deixando 19 vítimas fatais. O mesmo trecho também faz referência ao tráfico de pessoas negras para o Brasil, que eram comercializadas como produtos lucrativos, bem como, também se apropria de textos bíblicos para causar impacto aos ouvintes. O texto em questão se encontra em Salmos capítulo 23, versículo 4, “ainda que eu ande pelo vale da sombra da morte, não temerei mal nenhum, porque tu estás comigo: a tua vara e o teu cajado me consolam.”. A partir disso, podemos utilizar o Rap como ferramenta metodológica para analisarmos não só fatos históricos do currículo escolar obrigatório, mas também abrir espaço para novas discussões, como as desigualdades sociais que se formam no decorrer do tempo, enfrentando o racismo estrutural e institucional, da mesma forma que desperta nos jovens o ímpeto de não mais internacionalizar o racismo sofrido. Como explicita ALMEIDA(2019).

Pessoas negras, portanto, podem reproduzir em seus comportamentos individuais o racismo de que são as maiores vítimas. Submetidos às pressões de uma estrutura social racista, o mais comum é que o negro e a negra internalizem a ideia de uma sociedade dividida entre negros e brancos, em que brancos mandam e negros obedecem.

Somente a reflexão crítica sobre a sociedade e sobre a própria condição pode fazer um indivíduo, mesmo sendo negro, enxergar a si próprio e ao mundo que o circunda para além do imaginário racista. Se boa parte da sociedade vê o negro como suspeito, se o negro aparece na TV como suspeito, se poucos elementos fazem crer que negros sejam outra coisa a não ser suspeitos, é de se esperar que pessoas negras também achem negros suspeitos, especialmente quando fazem parte de instituições estatais encarregadas da repressão, como é o caso de policiais negros (p. 53).

É necessário que o enfrentamento ao racismo aconteça nas escolas desde os anos iniciais. É preciso saber que os negros são capacitados como qualquer pessoa branca. Mas, como questiona Benilda Brito em entrevista ao Canal Preto, “se todo modelo que a escola traz é negativo, como é que a gente vai ter rendimento escolar?” Transformar a educação não se trata apenas de repetir que os negros não são mais escravos, mas também de demonstrar que a cultura africana é muito mais do que os livros positivistas ensinaram. Conhecer reis e rainhas da antiguidade africana, compreender movimentos de resistência contemporâneos, como a obra de Martin Luther King Junior e sua luta pela busca dos direitos civis, não só a abolição, mas a cultura, a história que é incrivelmente vasta.

Entretanto, se torna fundamental que o professor se conheça, para trabalhar a identidade não só do aluno, mas entender que, o professor que for atuar no ensino de história afro-brasileira compreenda sua origem, e como a sua autoimagem irá influenciar o aprendizado das novas gerações.

A discussão sobre o racismo se torna cada vez mais relevante para a sociedade brasileira. No dia 03/11/2024 foi realizado o primeiro dia de prova do ENEM, e o tema da redação desse ano foi “Desafios para a valorização da herança africana no Brasil”. Isso revela também, a importância do tema, e como o atual governo brasileiro tem observado as temáticas raciais, visto que, desde a aprovação da lei n. 10.639, torna obrigatório o ensino de História e cultura Afro-brasileira em todas as escolas do país. Como também no ano de 2023 foi sancionada pelo presidente do Brasil Luiz Inácio Lula da Silva a lei n. 14.759 decretando como feriado nacional, o dia da consciência negra, reiterando assim, o compromisso por parte do governo em assegurar as vitórias conquistadas pelo movimento negro do país.

Entretanto, surgem os seguintes questionamentos: as discussões sobre o racismo puderam ser bem estruturadas em todas as escolas? As leis citadas foram colocadas em prática no cotidiano escolar? Nasci no ano de 2002, ingressei no curso de História no ano de 2021, onde tive conhecimento da mesma nas aulas ministradas pelo professor Waldeci Ferreira Chagas. De forma oficial, o decreto existe, mas na prática ainda existe muito a ser feito. Deve-se reconhecer que o ensino de História Afro-brasileira não está limitada à questão do enfrentamento ao racismo, mas está disposta a abrir espaço para a compreensão de culturas e valorização da

identidade histórica, tais medidas ajudam a incentivar pesquisas teóricas, e novas produções visando representar no currículo escolar as histórias que compõem a origem do nosso país, arte, cultura, religião, entre outros tópicos fortalecem a docência brasileira.

Atualmente algumas obras estão sendo produzidas com o intuito de trabalhar a identidade desde os primeiros anos educacionais. A *Cor de Coraline*, de Alexandre Rampazo, é um exemplo de livro que pode ser utilizado no processo de desconstrução de comportamentos raciais institucionalizados. O texto de Rampazo (2021) é um dos utilizados na educação infantil do município de Sertãozinho a qual resido, próximo a Guarabira, Nele temos o questionamento sobre o que é um lápis cor de pele. Observar que o trabalho contra o racismo está sendo desenvolvido de forma lúdica, é esperançoso e demonstra que mesmo com atrasos e percalços, a educação tem tido avanços no enfrentamento ao preconceito.

É notório que trabalhar a resistência e o movimento negro na escola é fundamental para uma melhor educação nacional, e que o Rap é uma ferramenta extremamente valiosa e que pode ser utilizado de forma ampla. Mas a comunidade escolar está preparada para essa nova forma de pensar? Apesar da constante renovação educacional promovida pelas universidades públicas com o intuito de integrar novas práticas pedagógicas, ao currículo, existe sim resistência quando trabalhamos a História Afro-brasileira. Pais acostumados a didáticas positivistas ao descobrir que seu filho está ouvindo música em sala de aula, podem não compreender a dinâmica proposta, da mesma forma que podem não aceitar seu filho estudando sobre religiões de matriz africana. A religião não é o tema principal deste trabalho, mas a ancestralidade que o Rap traz, converge sobre esse tema e se transforma em uma questão, o que o professor deve fazer?

Ser chamado de doutrinador é uma das consequências de criar uma sociedade pensante, Dra. Carla Viviane Paulino afirma em um de seus artigos, a influência da corrente neoconservadora, em erradicar a consciência política dos professores, a partir de um projeto de lei, que idealiza uma escola sem partido.

Para que fique clara a postura apolítica que deve supostamente ser adotada pelo professor, o projeto de lei exige que seja colado um cartaz em sala de aula com as normas previstas no projeto. As seis regras contidas nesse cartaz, a serem seguidas pelo professor, carregam várias contradições e demonstram o caráter conservador do movimento. Nele, ao mesmo tempo em que consta que diferentes ideias podem ser discutidas, desde que apresentadas com igualdade todas as vertentes, o professor deve garantir que as convicções morais da família do aluno não sejam violadas. Portanto, considerando os diferentes valores das famílias, o livre debate se torna impossível (PAULINO, 2018, p.4).

É sabido que o sistema educacional brasileiro tem enfrentado uma forte onda Neoliberal e Neoconservadora, buscando padronizar a educação; eliminando discussões onde as

individualidades de cada aluno sejam abordadas; forçando o professor a se podar em uma estrutura que limita suas ações, como construir o antirracismo nas escolas. De forma velada, o “sistema”⁴ tem tentado controlar a população, fazendo com que o pensamento crítico não seja construído. O projeto de lei citado por Paulino se trata de uma proposta de criar uma escola sem partido, onde as individualidades e características de cada profissional, devem ser despidas no momento em que se entra nos ambientes escolares.

Pensando nessas dificuldades, e na importância desse tema nos espaços educacionais, pensei no que poderia propor, para uma discussão voltada ao ensino antirracista, para a prática, a ser desenvolvida na escola. Algo que poderia ser construído através de aulas convencionais, ou oficinas; ou ainda em uma dinâmica sem nomenclatura específica, mas que possibilitasse algo transformador. Nesse sentido, a questão que se colocou foi, quais propostas e ações podem ser formuladas, para as atividades em sala de aula, utilizando o Rap como instrumento metodológico?

Propõe-se uma atividade pedagógica⁵ onde se utiliza o Rap como meio de conectar os alunos à história e às questões contemporâneas, promovendo uma análise crítica sobre o racismo e a resistência negra ao longo do tempo. A atividade, intitulada "Ritmos da Resistência: História e Racismo em Versos de Rap", começaria com a apresentação de uma música representativa do gênero, “Negro Drama”, dos Racionais MC's⁶. Trata-se de uma música que compreende, como mencionado anteriormente, e denuncia diversas mazelas do racismo.

A metodologia seria a seguinte: Os alunos ouviriam a música/letra, e a partir daí, seriam feitos diversos questionamentos para perceber se os alunos tinham alguma identificação ou se reconheciam em alguma parte da canção, como por exemplo, se fariam indagações a partir das frases musicais. É relevante destacar aqui a discussão acerca da questão melódica, que faz parte da própria história e do significado do Rap.

Recebe o mérito a farda que pratica o mal
 Me ver pobre, preso ou morto já é cultural
 Histórias, registros e escritos
 Não é conto nem fábula, lenda ou mito
 (Negro Drama - Racionais MC's)

O trecho acima é parte da música utilizada para a atividade. A canção se inicia no acorde de Dó menor, trazendo uma sensação de tensão e incerteza, mas que também desperta o sentimento de seriedade, acompanhado pelo *beat* que remete a um som metálico, representando

⁴ Expressão utilizada no filme Tropa de Elite, ao se referir ao sistema político.

⁵ O plano de aula se encontra nos apêndices do texto.

⁶ Música com a letra completa em anexo

a essência urbana da canção. Todavia, a melodia é executada por pianos clássicos, mas também existe a presença de sintetizadores que altera e distorce o som. Para a atividade, podemos reconhecer, que existe a crítica aos agentes de segurança pública, que agem violando os principais objetivos dessa instituição, entretanto, ao que dizer que “recebe o mérito a farda que pratica o mal”, também evidencia os problemas internos da instituição, principalmente os problemas ligados à questão racial. Pessoas que têm determinado perfil físico (cor) é uma possível ameaça. E esse fato não é apenas um caso isolado, mas que se repete constantemente, e tais denúncias são reportadas mas não são tomadas as medidas cabíveis. Junção de letra e melodia compõem o significado desta canção icônica.

Provavelmente, se revelariam, neste contexto, admiradores e conhecedores desse estilo musical. A partir daí, haveria uma discussão com o foco nas denúncias e reflexões apresentadas sobre a desigualdade racial através dessa canção. Esse momento inicial serve como introdução para conectar as vivências retratadas na letra do Rap às experiências dos alunos.

Para uma discussão mais ampliada, tentando construir uma compreensão sobre o tema, utilizaria textos ou slides sobre as questões históricas e sociais mais amplas que, em suma, explicariam o racismo estrutural, como a escravidão; as persistentes desigualdades no Brasil e no mundo e os movimentos de resistência negra, a exemplo do Rap. Após essa contextualização, a aula avançaria para uma breve explicação histórica sobre os marcos da luta contra o racismo. Seriam apresentados eventos como a resistência dos quilombos, a abolição da escravidão, os movimentos civis do século XX e a importância da cultura negra como forma de resistência. Essa última, talvez devesse ser o tópico mais desenvolvido, pois tanto professores quanto alunos, ampliariam seus conhecimentos sobre a temática. Recursos visuais, como imagens históricas e trechos de vídeos ou textos, ajudariam a enriquecer a discussão e a estabelecer um vínculo entre passado e presente.

Com base nesse conhecimento, os alunos seriam convidados a produzir seus próprios raps em pequenos grupos. A criação musical deveria abordar tanto fatos históricos quanto reflexões sobre o racismo contemporâneo, destacando mensagens de resistência e empoderamento. Essa etapa estimularia a criatividade, o trabalho em equipe e a habilidade de expressar ideias complexas por meio da arte, promovendo também um maior engajamento sobre o tema. Para auxiliar, o professor poderia oferecer modelos de rimas ou estruturar exemplos para inspirar as composições.

A atividade culminaria com as apresentações dos Raps criados pelos grupos, seguidas de uma roda de discussão. Nesse momento, os alunos compartilhariam o que aprenderam e refletiriam sobre o impacto da música como instrumento de transformação social. Questões como a persistência do racismo, a importância da história para a compreensão do presente e o papel da arte na luta por igualdade seriam debatidas, criando um ambiente de aprendizado significativo e colaborativo.

Por fim, essa proposta não apenas reforçaria conhecimentos históricos, mas também valorizaria a cultura Afro-brasileira, destacando sua relevância na formação da identidade nacional e na resistência às opressões. Ao usar o Rap como ferramenta pedagógica, a aula se torna mais dinâmica e inclusiva, ampliando a capacidade dos alunos de entender e questionar as realidades que os cercam. Assim, a música deixa de ser apenas entretenimento e se transforma em um poderoso meio de educação e transformação.

Como segunda proposta de atividade, seguiríamos como uma metodologia semelhante à anterior; a música utilizada como foco norteador de nossa discussão, seria “Muleque de Vila”⁷ do *rapper* Projota (2016).

Eu falei que era uma questão de tempo
 E tudo ia mudar e eu lutei
 Vários me disseram
 Que eu nunca ia chegar, duvidei
 Lembra da ladeira, meu
 Toda sexta-feira
 Meu melhor amigo é Deus
 E o segundo melhor sou eu
 [...]
 Prosperei com suor do meu trabalho
 Me guardei, lutei sem buscar atalho
 Sem pisar em ninguém
 Sem roubar também
 [...]
 Triunfo bombou, Leandro estourou, Michel prosperou
 Dei valor, só trabalhador, homens de valor
 Minha cor não me atrapalhou, só me abençoou
 Quem falou que era moda
 Hoje infelizmente se calou
(Muleque de Vila - Projota)

Os trechos acima refletem a principal ideia desta nova proposta, quais sejam: trabalhar a identidade e autoconfiança dos alunos e apresentar a ideia para além das dores e dificuldades, apesar do racismo. Este Rap aborda a importância de acreditar nos próprios

⁷ Música completa em anexo

sonhos, buscar e não abdicar de suas convicções, corroborando para a construção identitária. A letra inspira orgulho quanto à origem do aluno, ao passo que abre espaço para discussões sobre desigualdades sociais, e como a arte e a educação fomentam a transformação da comunidade, não só escolar, mas para além dela.

A música “Muleque de Vila” está no tom de Mi menor, no decorrer dela as notas se repetem de forma sequenciada, o que exige em certos momentos, que o intérprete cante com um pouco mais de força, principalmente nos trechos que antecedem o refrão, passando o sentimento de superação, sendo este o principal objetivo da canção, cativar os ouvintes e mostrar que é possível superar obstáculos independentes de quais sejam eles.

Por fim, as atividades aqui propostas visariam a produção intelectual e artística dos alunos, sabendo que os mesmos, também deveriam desenvolver seus Raps, suas ideias, suas expressões artísticas e culturais. Pautados em suas vivências e objetivos, de forma individual ou em grupos, os alunos compartilhariam suas produções, e ao fazerem isso, partilhariam conhecimento e argumentos sobre lutas antirracistas.

Este trabalho tem como objetivos principais: demonstrar como o Rap pode ser utilizado como ferramenta metodológica; enfrentar as desigualdades sociais, destacando o racismo. Esta atividade é uma excelente forma de conectar todos os alunos em prol destes ideais, diferentes grupos sociais, serão abarcados, e irão interagir entre si, se fortalecendo e contribuindo para um ambiente escolar livre de preconceito.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do desenvolvimento deste trabalho de conclusão de curso, foi possível perceber que o Rap, além de se estabelecer como expressão cultural e artística, demonstra seu poder transformador ao transcender a esfera do entretenimento e se consolidar como um valioso instrumento metodológico para o ensino e para o enfrentamento das desigualdades sociais. Ao ser inserido no contexto educacional, o Rap se torna uma ferramenta de conscientização, permitindo que questões como o racismo e o preconceito étnico-racial sejam debatidas de maneira dinâmica e significativa. Sua linguagem acessível e sua conexão com a realidade vivida por muitos jovens criam um ambiente de empatia e aprendizado, estimulando a reflexão crítica sobre a sociedade.

Além disso, o Rap como aporte metodológico fortalece a identidade racial ao resgatar narrativas históricas e promover a autoaceitação. Por meio de suas letras, ele afirma a importância do orgulho racial e da valorização das raízes culturais, enfrentando estigmas e

preconceitos que historicamente marginalizaram comunidades racializadas. Assim, essa expressão artística se posiciona como uma forma de resistência, não apenas enfrentando o racismo estrutural, mas também encorajando a juventude a reconhecer seu valor e sua história.

Portanto, o Rap, como método pedagógico e manifestação cultural, tem o potencial de transformar ambientes escolares e sociais, promovendo equidade, diálogo e empoderamento. Reconhecer e incorporar sua relevância é dar voz às lutas por justiça social, ao mesmo tempo em que se fomenta uma sociedade mais consciente, inclusiva e livre de discriminação racial.

Em suma, o rap emerge como uma poderosa ferramenta metodológica para o ensino, combinando criatividade, ritmo e linguagem para engajar os jovens em reflexões profundas sobre questões sociais. Como expressão cultural, o rap transcende o entretenimento e se firma como um espaço de resistência e luta contra o racismo, ao amplificar vozes historicamente marginalizadas e denunciar as injustiças étnico-raciais. Além disso, ao valorizar a identidade e as narrativas de populações negras, o rap promove a autoaceitação racial e fortalece a construção de uma autoestima coletiva, essencial para enfrentar as dinâmicas de preconceito e exclusão. Assim, ao ser incorporado ao ambiente educacional, o rap não apenas enriquece o processo de aprendizado, mas também contribui para a formação de cidadãos mais críticos, conscientes e engajados na promoção de uma sociedade mais justa e igualitária.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é o racismo estrutural?**. Belo Horizonte: Letramento 2018.

BRASIL. Lei nº10.639/2003. Inclui no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". Diário Oficial da União. Brasília, DF, 9 de janeiro de 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/2003/L10.639.htm. Acesso em: 14 nov. 2024.

BERNAT, Isaac. **Encontros com o griot Sotigui Kouyaté**. Rio de Janeiro: Pallas 2021.

DAI A CESAR O QUE É DE CESAR. Cesar Mc. (Videoclipe Oficial). [S. l.: s. n.] 2021. 1 vídeo (5min7s) Publicado pelo canal PineappleStormTV. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=Vx2QswxE1cg> >. Acesso em: 14 nov. 2024.

COELHO, Henrique. **Menino de 14 anos morre durante operação das polícias Federal e Civil no Complexo do Salgueiro, RJ**. Publicado pelo site G1 em 19/05/2020. Disponível em:<<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/05/19/menino-de-14-anos-e-baleado-durante-operacao-no-complexo-do-salgueiro-rj.ghtml> > . Acesso em: 12 nov. 2024.

CORREIA, Ben-hur. **Justiça absolve policiais pela morte do adolescente João Pedro**. Disponível em : <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2024/07/10/decisao-policiais-caso-joao-pedro.ghtml> >. Acesso em: 14 nov. 2024.

FUCK THA POLICE. [S. l.: s. n.] 2018. 1 vídeo (5min15s) Publicado pelo canal NWA. Disponível em:< <https://youtu.be/xB2DY1Q74oQ?si=ZBpY5YnfO85NktNb> >. Acesso em 14 nov. 2024.

HALLAM, Susan. Psicologia da música na educação: o poder da música na aprendizagem. In: **Revista de Educação Musical**, v. 138, p. 29-34, 2012. Disponível em: <https://www.apem.org.pt/docs/artigos-em-destaque/PsicologiaDaMusica_RPED_140_141_2014_2015.PDF > Acesso em:13 nov. 2024.

IDENTIDADE - Jorge Aragão - Ao vivo 3 (Da noite pro dia). [S. l.: s. n.] 2018. 1 vídeo (2min25s) Publicado pelo canal Indie Records. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=Ej7wAVoYGgQ> >. Acesso em 14 nov. 2024.

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação** - Episódios De Racismo Cotidiano. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2019.

MEDEIROS, Elisabeth Weber. Ensino de história: Fontes e linguagens para uma prática Renovada. **Vidya**, v. 25, n. 2, p. 59-71, jul/dez, 2005 - Santa Maria, 2007. Disponível em:38 <https://www.passeidireto.com/arquivo/101511811/texto-ensino-de-historia-fontes-e-linguagens-para-uma-pratica-renovada> . Acesso em 26 nov. 2024.

MUNANGA, Kabengele. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira. Tradução. Niterói: EDUFF, 2004. Disponível em: <https://biblio.fflch.usp.br/Munanga_K_UmaAbordagemConceitualDasNocoosDeRacaRacismoIdentidadeEEtnia.pdf> Acesso em: 11 nov. 2024.

NEGRO DRAMA - Nada Como Um Dia Após O Outro Dia (Chora Agora). [S. l.: s. n.] 2017. 1 vídeo (6min53s) Publicado pelo canal **Racionais TV**. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=u4lcUooNNLY>>. Acesso em 14 nov. 2024.

O GLOBO. **Caso George Floyd: quem era o americano negro morto sob custódia** (e o que se sabe sobre o policial branco que o matou) 29/05/2020 Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/epoca/mundo/caso-george-floyd-quem-era-americano-negro-morto-sob-custodia-o-que-se-sabe-sobre-policial-branco-que-matou-24452304>>. Acesso em: 16 nov. 2024.

O RACISMO é Perigoso na Educação das Crianças - **Canal Preto** . [S. l.: s. n.] 2019. 1 vídeo (5min9s) Publicado pelo canal Canal Preto. Disponível em: <<https://youtu.be/KZGnu4NcWls?si=mmOPqzT89qJF9aYG>> . Acesso em: 14 nov 2024.

PARANÁ, Anna Paola de Mello; SELIGMAN Laura. **O rap do Brasil e dos Estados Unidos – diferenças culturais reveladas nas letras**. Disponível em: <<https://portalintercom.org.br/anais/sul2017/resumos/R55-1013-1.pdf>> . Acesso em: 13 nov. 2024.

PAULINO, Carla Viviane. O Impulso Neoliberal e Neoconservador na Educação Brasileira: a Imagem Do “Professor Doutrinador” e o Projeto “Escola Sem Partido”. **Educere et Educare**. Disponível em: <<https://saber.unioeste.br/index.php/educereeteducare/article/view/18731>>. Acesso em: 9 nov.2024.

PROJOTA - Muleque De Vila (Ao Vivo). [S. l.: s. n.] 2016. 1 vídeo (4min43s) Publicado pelo canal Projota Oficial. Disponível em: <<https://youtu.be/kzLESxMqnTg?si=1vMFTZVqFswJcCzP>> . Acesso em 14 nov. 2024.

RAMPAZO, Alexandre. **A cor de Coraline**. Rio de Janeiro: Rocquinho 2021.

RIOLFI, Claudia, COSTA, Renata de Oliveira. As pessoas que passavam xingavam ela de “macaca”: as facetas do racismo em textos infantis. **Pro-Posições** [Internet]. 2024; 35: e2024c0106BR. Disponível em: <scielo.br/j/pp/a/SD4pvhtwVfkLDMvSpnPzhZb/?lang=pt&format=pdf> Acesso em: 14 nov.2024.

RITMO. In: Dicionário online de Português. 7GRAUS,© 2009- 2024 Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/ritmo/>> Acesso em: 13 nov. 2024.

ROSAS Atitude Feminina Música. [S. l.: s. n.] 2012. 1 vídeo (6min4s) Publicado pelo canal Professor Mem Costa. Disponível em: <https://youtu.be/F05D12ckxb8?si=15PhNUSOZ_k8WHge> . Acesso em: 14 nov. 2024.

RYRIE, Charles Caldwell. **A Bíblia Anotada**. The Ryrie Study Bible. São Paulo :Mundo cristão, 1994.

SOARES, Olavo Pereira. A música nas aulas de história: o debate teórico sobre as metodologias de ensino. **Revista História Hoje**, 2017.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. **O Racismo no Cotidiano Escolar**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1994.

APÊNDICE

PLANO DE AULA

Ritmos da Resistência: História e Racismo em Versos de Rap

Ano/Série: 1º ano do Ensino Médio

Duração: Duas (2) aulas seguidas de 45 minutos cada.

Temática: O Racismo na História do Brasil: História da Cultura Afro-brasileira e Resistência.

P.S: A proposta é que essas aulas façam parte do currículo escolar e que sejam desenvolvidas após aulas que tenham abordado a temática de abolição da escravidão no Brasil

Objetivos gerais: Compreender o racismo estrutural no Brasil a partir do estudo de formas de resistência negra, tendo como recurso metodológico uma análise da letra do Rap “Negro Drama” do grupo Racionais MC’s.

Objetivos Específicos:

- Identificar elementos da história do Brasil relacionados ao racismo estrutural e às desigualdades.
- Analisar a música como uma representação da realidade social e histórica.
- Compreender a cultura hip-hop como forma de resistência e denúncia social.
- Estimular o pensamento crítico sobre o papel da música e da arte na transformação social.

Primeira etapa (10 minutos)

- Questionar os alunos sobre o que eles sabem sobre o Rap? Quais são as coisas que vem à sua mente sobre o tema? Já escutaram Rap em sala de aula?
- Distribuir para os alunos a letra da canção.
- Reproduzir para os alunos a música Negro Drama. (Em média 7 minutos, caso utilize versões mais extensas da canção)
- Após escutarem a música o professor deve contextualizar aos alunos sobre quem são os Racionais MC’s e sua importância na música Brasileira.

Segunda etapa (15 minutos)

- Pedir que os alunos após ouvirem a canção, destaquem na folha impressa com a música, o que mais gostaram ou que lhes chamou a atenção.
- Em seguida os alunos devem formar grupos de no máximo cinco pessoas cada, compartilhando entre si os pontos que destacaram, identificando semelhanças e diferenças dos pontos destacados por cada um, e se encontram temas que fazem referência aos conteúdos citados em aulas anteriores. (esta aula seria desenvolvida após aulas que tenham abordado a temática de abolição da escravidão no Brasil).

Terceira etapa (20 minutos)

- O/A professor/a deve apresentar os processos de resistência negra do Brasil, como por exemplo a formação dos quilombos, as leis abolicionistas que não ofereceram formas de integração das pessoas libertas, processos de marginalização, Luta por direitos iguais, A variedade cultural construída pelos descendentes de escravizados. (O desenvolvimento desses temas poderão ter continuidade no início da etapa final)

Etapa final (45 minutos)

- Como atividade, os alunos devem produzir em grupo, raps que abordem os conteúdos apresentados, e também se sintam livres para misturar os temas com suas vivências pessoais.
- O professor deve oferecer aos alunos *beats e loops* que auxiliem na construção das músicas. os mesmos escolhem os sons que mais se adequarem a proposta que escolherem trabalhar.
- Ao final com os Raps deverão ser apresentados para os demais alunos. O professor deve avaliar o empenho dos alunos na produção, ao mesmo tempo em que compreende melhor a realidade da turma com a qual está trabalhando.

Recursos Didáticos

- Caixa de som, celular, computador, notebook, televisão ou qualquer outro aparelho que possibilita a reprodução da canção aos alunos.
- Acesso a internet ou músicas baixadas previamente.
- Folhas impressas com a letra da canção.
- Cadernos, lápis, borrachas, canetas e quadro.

ANEXOS

NEGRO DRAMA - RACIONAIS MC'S

Negro drama, entre o sucesso e a lama
 Dinheiro, problemas, invejas, luxo, fama
 Negro drama, cabelo crespo e a pele escura
 A ferida, a chaga, à procura da cura

Negro drama, tenta ver e não vê nada
 A não ser uma estrela, longe, meio ofuscada
 Sente o drama, o preço, a cobrança
 No amor, no ódio, a insana vingança

Negro drama, eu sei quem trama e quem tá comigo
 O trauma que eu carrego pra não ser mais um preto fudido
 O drama da cadeia e favela
 Túmulo, sangue, sirene, choros e velas

Passageiro do Brasil, São Paulo, agonia
 Que sobrevivem em meio às honras e covardias
 Periferias, vielas, cortiços
 Você deve tá pensando: O que você tem a ver com isso?

Desde o início por ouro e prata
 Olha quem morre, então veja você quem mata
 Recebe o mérito, a farda que pratica o mal
 Me ver pobre, preso ou morto já é cultural

Histórias, registros e escritos
 Não é conto, nem fábula, lenda ou mito
 Não foi sempre dito que preto não tem vez?
 Então, olha o castelo e não foi você quem fez, cuzão

Eu sou irmão dos meus truta de batalha
 Eu era a carne, agora sou a própria navalha
 Tin-tin, um brinde pra mim
 Sou exemplo de vitórias, trajetos e glórias

O dinheiro tira um homem da miséria
 Mas não pode arrancar de dentro dele a favela
 São poucos que entram em campo pra vencer
 A alma guarda o que a mente tenta esquecer

Olho pra trás, vejo a estrada que eu trilhei, mó cota
 Quem teve lado a lado e quem só ficou na bota
 Entre as frases, fases e várias etapas
 Do quem é quem, dos mano e das mina fraca

Negro drama de estilo
 Pra ser e se for, tem que ser, se temer é milho
 Entre o gatilho e a tempestade
 Sempre a provar que sou homem e não um covarde

Que Deus me guarde pois eu sei que ele não é neutro
 Vigia os rico, mas ama os que vem do gueto
 Eu visto preto por dentro e por fora
 Guerreiro, poeta, entre o tempo e a memória

Ora, nessa história vejo dólar e vários quilates
 Falo pro mano que não morra e também não mate
 O tic-tac não espera, veja o ponteiro
 Essa estrada é venenosa e cheia de morteiro

Pesadelo é um elogio
 Pra quem vive na guerra, a paz nunca existiu
 Num clima quente, a minha gente sua frio
 Vi um pretinho, seu caderno era um fuzil
 Um fuzil

Negro drama

Crime, futebol, música, carai
 Eu também não consegui fugir disso aí
 Eu sou mais um
 Forrest Gump é mato
 Eu prefiro contar uma história real
 Vou contar a minha

Daria um filme
 Uma negra e uma criança nos braços
 Solitária na floresta de concreto e aço
 Veja, olha outra vez o rosto na multidão
 A multidão é um monstro, sem rosto e coração

Ei, São Paulo, terra de arranha-céu
 A garoa rasga a carne, é a Torre de Babel
 Família brasileira, dois contra o mundo
 Mãe solteira de um promissor vagabundo

Luz, câmera e ação, gravando a cena vai
 Um bastardo, mais um filho pardo, sem pai
 Ei, senhor de engenho, eu sei bem quem você é
 Sozinho cê num guenta, sozinho cê num entra a pé

Cê disse que era bom e as favela ouviu
 Lá também tem whisky, Red Bull, tênis Nike e fuzil
 Admito, seus carro é bonito
 É, eu não sei fazer

Internet, videocassete, os carro loco

Atrasado, eu tô um pouco sim
 Tô, eu acho
 Só que tem que, seu jogo é sujo e eu não me encaixo
 Eu sou problema de montão, de Carnaval a Carnaval
 Eu vim da selva, sou leão, sou demais pro seu quintal

Problema com escola, eu tenho mil, mil fita
 Inacreditável, mas seu filho me imita
 No meio de vocês ele é o mais esperto
 Ginga e fala gíria; gíria não, dialeto

Esse não é mais seu, ó, subiu
 Entrei pelo seu rádio, tomei, cê nem viu
 Nós é isso ou aquilo, o quê? Cê não dizia?
 Seu filho quer ser preto, há, que ironia

Cola o pôster do 2Pac aí, que tal? Que cê diz?
 Sente o negro drama, vai tenta ser feliz
 Ei bacana, quem te fez tão bom assim?
 O que cê deu, o que cê faz, o que cê fez por mim?

Eu recebi seu tic, quer dizer kit
 De esgoto a céu aberto e parede madeirite
 De vergonha eu não morri, to firmão, eis-me aqui
 Você, não, cê não passa quando o mar vermelho abrir

Eu sou o mano, homem duro, do gueto, Brown, Obá
 Aquele louco que não pode errar
 Aquele que você odeia amar nesse instante
 Pele parda e ouço funk
 E de onde vem os diamantes? Da lama
 Valeu mãe, negro drama
 Drama, drama, drama

Aê, na época dos barracos de pau lá na Pedreira, onde cês tavam?
 Que que cês deram por mim? Que que cês fizeram por mim?
 Agora tá de olho no dinheiro que eu ganho
 Agora tá de olho no carro que eu dirijo
 Demorou, eu quero é mais, eu quero até sua alma

Aí, o rap fez eu ser o que sou
 Ice Blue, Edy Rock e KL Jay e toda a família
 E toda geração que faz o rap
 A geração que revolucionou, a geração que vai revolucionar
 Anos 90, Século 21, é desse jeito

Aê, você sai do gueto, mas o gueto nunca sai de você, morou irmão?
 Cê tá dirigindo um carro

O mundo todo tá de olho em você, morou?
Sabe por quê? Pela sua origem, morou irmão?
É desse jeito que você vive, é o negro drama
Eu não li, eu não assisti
Eu vivo o negro drama, eu sou o negro drama
Eu sou o fruto do negro drama

Aí Dona Ana, sem palavras, a senhora é uma rainha, rainha
Mas aê, se tiver que voltar pra favela
Eu vou voltar de cabeça erguida
Porque assim é que é
Renascendo das cinzas
Firme e forte, guerreiro de fé

Vagabundo nato!

MULEQUE DE VILA - PROJOTA

Eu falei que era uma questão de tempo
 E tudo ia mudar, e eu lutei
 Vários me disseram que eu nunca ia chegar, duvidei
 Lembra da ladeira, meu?
 Toda sexta-feira meu melhor amigo é Deus e o segundo melhor sou eu

Eu tanto quis, tanto fiz, tanto fui feliz
 Eu canto Xis, canto Péricles, canto Elis
 Torcedor do Santos, desse pão e circo eu também quis
 Não ser feliz, mas geral merece não ser infeliz

Prosperarei com suor do meu trabalho
 Me guardei, lutei sem buscar atalho
 E sem pisar em ninguém
 Sem roubar também, então sei
 Que hoje o meu nome é Foda e meu sobrenome é Pra Caralho

Deus olhou pra mim, disse assim: Escuta, neguin
 Pegue esse caderno e escreve em cada folha até o fim
 Eu disse: Senhor, sou tão tímido, sinto mó pavor
 Só subir no palco a perna congelou

Mas rodei o Brasil, CD na mochila foi 50 mil
 Mão em mão, na rodoviária passando mó frio
 Quem viu, viu, Curitiba, meu tesouro, foi estouro
 25 mil, tio, DVD de ouro

Triunfo bombou, Leandro estourou, Michel prosperou
 Dei valor, só trabalhador, homens de valor
 Minha cor não me atrapalhou, só me abençoou
 Quem falou que era moda, hoje felizmente se calou

Vai, vai lá, não tenha medo do pior
 Eu sei que tudo vai mudar
 Você vai transformar o mundo ao seu redor
 Mas não vacila, muleque de vila, muleque de vila, muleque de vila
 Não vacila, muleque de vila, muleque de vila, muleque de vila

Já fui vaiado, já fui humilhado, já fui atacado
 Fui xingado, ameaçado, nunca amedrontado
 Aplaudido, reverenciado, homenageado
 Premiado pelos homens, por Deus abençoado

Avisa o Rony que hoje é nós, não tem show, tô sem voz
 Se o Danilo não colar, vou buscar de Cross
 Se o Marques chegar, grita o Magrão, liga, mó função
 Tem churrasco, sem fiasco, tira espinha do salão

Já cantei com Mano Brown, com Edi Rock, com Helião
Com D2, com MV, dei um abraço no Chorão
Aprendi fazer freestyle no busão
Hoje é o mesmo freestyle, só que a gente faz no fundo do avião

E hoje eu acordei chorando porque eu me peguei pensando
Será que lá de cima a minha véia segue me olhando?
Será que se me olhando, ela ainda tá me escutando?
Será que me escutando, ela ainda tá se orgulhando?

Hoje tanto faz, putaria tá demais
Mais ninguém se liga mais, mais ninguém respeita os pais
Mas pra mim tanto faz porque ainda tem Racionais
Pra quem quer um diferente, tem Oriente e Haikass

Raps nacionais, rostos diferentes, mesmos ideais
Salve, Sabota, e todo rap sem lorota
Os mano gosta de ir no Twitter xingar o Projota
Mas trai a mulher e não abraça a mãe, faz uma cota

Desde os 16 tô aqui, outra vez, vou sorrir
Vou cantar, vou seguir
Vou tentar, conseguir
Se quer falar mal, fala daí
Mas meu público grita tão alto que já nem consigo te ouvir

Olha lá o outdoor com o meu nome
Me emocionar não me faz ser menos homem
Se o diabo amassa o pão, você morre ou você come?
Eu não morri e nem comi, eu fiz amizade com a fome

Vai, vai lá, não tenha medo do pior
Eu sei que tudo vai mudar
Você vai transformar o mundo ao seu redor
Mas não vacila, muleque de vila, muleque de vila, muleque de vila
Não vacila, muleque de vila, muleque de vila, muleque de vila.